

DECRESCIMENTO

© dos autores

Seleção e organização, Giacomo D'Alisa, Federico Demaria e Giorgos Kallis; verbetes, colaboradores. Introdução, epílogos e verbetes 30 e 46 sujeitos a licença copyleft.

1ª edição 2016

Direitos reservados desta edição: Tomo Editorial Ltda.

Esta publicação contou com o apoio da Fundação Heinrich Böll Brasil ([www.br.boell.org](http://www.br.boell.org)).

*Degrowth: a vocabulary for a new era*

Traduzido do original fornecido pelos organizadores em língua inglesa, editado por Routledge (2015), acrescido de verbetes e contribuições novas.

A Tomo Editorial publica de acordo com suas linhas e conselho editoriais que podem ser conhecidos em [www.tomoeditorial.com.br](http://www.tomoeditorial.com.br)

*Coordenação editorial*

João Carneiro

*Comercial*

Marga Comassetto

*Revisão*

Moira Revisões (Maria de Nazareth Agra Hassen)

*Capa, projeto gráfico e diagramação*

Krishna Chiminazzo Predebon

Tomo Editorial

*Ilustração da página 20*

Bárbara Castro Urío

---

D298      Decrescimento: vocabulário para um novo mundo. /organizado por Giacomo D'Alisa; Federico Demaria; Giorgos Kallis -- Porto Alegre : Tomo Editorial, 2016. 312 p.

ISBN 978-85-86225-99-4

1. Desenvolvimento. 2. Sociologia : Políticas Públicas. I. D'Alisa, Giacomo. II. Demaria, Federico. III. Kallis, Giorgos. IV. Título.

CDU 316.42/.43

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

Tomo Editorial Ltda. Fone/fax: (51) 3227.1021  
[tomo@tomoeditorial.com.br](mailto:tomo@tomoeditorial.com.br) [www.tomoeditorial.com.br](http://www.tomoeditorial.com.br)  
Rua Demétrio Ribeiro, 525 CEP 90010-310 Porto Alegre RS

# DECRESCIMENTO

## VOCABULÁRIO PARA UM NOVO MUNDO

ORGANIZADORES

giacomo d'alisa  
federico demaria  
giorgos kallis

TRADUTOR

roberto cataldo costa

**TOMO**  
EDITORIAL

Porto Alegre, 2016

# SUMÁRIO

- apresentação O QUE PODE VIR A SER NO BRASIL  
A IDEIA DE DECRESCER? 9  
*Felipe Milanez*
- apresentação DECRESCIMENTO: UM DEBATE NECESSÁRIO E  
URGENTE NO BRASIL PARA QUE SUPEREMOS O  
SUBDESENVOLVIMENTO EM NOSSAS CABEÇAS 14  
*Chico Whitaker*
- prefácio VOCABULÁRIO COMO PODER 17  
*Giacomo D'Alisa, Federico Demaria e Giorgos Kallis*
- introdução DECRESCIMENTO 21  
*Giorgos Kallis, Federico Demaria e Giacomo D'Alisa*
- parte 1 LINHAS DE PENSAMENTO
- verbeta 1 ANTIUTILITARISMO 44  
*Onofrio Romano*
- verbeta 2 BIOECONOMIA 49  
*Mauro Bonaiuti*
- verbeta 3 CORRENTES DO AMBIENTALISMO 53  
*Joan Martínez-Alier*
- verbeta 4 CRÍTICAS AO DESENVOLVIMENTO 58  
*Arturo Escobar*
- verbeta 5 ECOLOGIA POLÍTICA 63  
*Susan Paulson*

- verbete 6 ECONOMIA DE ESTADO ESTACIONÁRIO 68  
*Joshua Farley*
- verbete 7 JUSTIÇA AMBIENTAL 73  
*Isabelle Anguelovski*
- verbete 8 METABOLISMO SOCIETAL 78  
*Alevgül H. Şorman*

## parte 2 O NÚCLEO

- verbete 9 AUTONOMIA 84  
*Marco Deriu*
- verbete 10 CAPITALISMO 89  
*Diego Andreucci e Terrence McDonough*
- verbete 11 CONVIVENCIALIDADE 94  
*Marco Deriu*
- verbete 12 CRESCIMENTO 99  
*Peter A. Victor*
- verbete 13 CUIDADO 104  
*Giacomo D'Alisa, Marco Deriu e Federico Demaria*
- verbete 14 DEMOCRACIA DIRETA 108  
*Christos Zografos*
- verbete 15 DÉPENSE 114  
*Onofrio Romano*
- verbete 16 DESCOLONIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO 119  
*Serge Latouche*
- verbete 17 DESMATERIALIZAÇÃO 124  
*Sylvia Lorek*
- verbete 18 DESPOLITIZAÇÃO ("O POLÍTICO") 128  
*Erik Swyngedouw*

- verbete 19 **EMERGIA** 133  
*Sergio Ulgiati*
- verbete 20 **ENTROPIA** 137  
*Sergio Ulgiati*
- verbete 21 **FELICIDADE** 141  
*Filka Sekulova*
- verbete 22 **FRONTEIRAS DAS COMMODITIES** 146  
*Marta Conde e Mariana Walter*
- verbete 23 **LIMITES SOCIAIS DO CRESCIMENTO** 151  
*Giorgos Kallis*
- verbete 24 **MERCANTILIZAÇÃO** 155  
*Erik Gómez-Baggethun*
- verbete 25 **NEOMALTHUSIANOS** 160  
*Joan Martínez-Alier*
- verbete 26 **PARADOXO DE JEVONS (EFEITO REBOTE)** 165  
*Blake Alcott*
- verbete 27 **PEDAGOGIA DO DESASTRE** 170  
*Serge Latouche*
- verbete 28 **PICO DO PETRÓLEO** 173  
*Christian Kerschner*
- verbete 29 **PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)** 178  
*Dan O'Neill*
- verbete 30 **RECURSOS COMUNS (COMMONS)** 184  
*Silke Helfrich e David Bollier*
- verbete 31 **SIMPLICIDADE** 189  
*Samuel Alexander*

## parte 3 A AÇÃO

- verbeta 32 AUDITORIA DA DÍVIDA 194  
*Sergi Cutillas, David Llistar e Gemma Tarafa*
- verbeta 33 CIÊNCIA PÓS-NORMAL 198  
*Giacomo D'Alisa e Giorgos Kallis*
- verbeta 34 COMPARTILHAMENTO DE TRABALHO 203  
*Juliet B. Schor*
- verbeta 35 COOPERATIVAS 207  
*Nadia Johanisova, Ruben Suriñach Padilla e Philippa Parry*
- verbeta 36 DESOBEDIÊNCIA 211  
*Xavier Renou*
- verbeta 37 DINHEIRO PÚBLICO 215  
*Mary Mellor*
- verbeta 38 ECOCOMUNIDADES 218  
*Claudio Cattaneo*
- verbeta 39 GARANTIA DE EMPREGO 222  
*B. J. Unti*
- verbeta 40 HORTAS URBANAS 226  
*Isabelle Anguelovski*
- verbeta 41 INDIGNADOS/OCCUPY 230  
*Viviana Asara e Barbara Muraca*
- verbeta 42 MOEDAS SOCIAIS 234  
*Kristofer Dittmer*
- verbeta 43 NEORRURAIS 237  
*Rita Calvário e Iago Otero*
- verbeta 44 NOVA ECONOMIA 241  
*Tim Jackson*

- verbete 45 **NOWTÓPICOS** 245  
*Chris Carlsson*
- verbete 46 **RECURSOS COMUNS DIGITAIS** 249  
*Mayo Fuster Morell*
- verbete 47 **RENDA BÁSICA E RENDA MÁXIMA** 252  
*Samuel Alexander*
- verbete 48 **SINDICATOS** 255  
*Denis Bayon*

## parte 4 **ALIANÇAS**

- verbete 49 **BEM VIVER** 260  
*Eduardo Gudynas*
- verbete 50 **ECONOMIA DA PERMANÊNCIA** 265  
*Chiara Corazza e Solomon Victus*
- verbete 51 **ECONOMIA FEMINISTA** 269  
*Antonella Picchio*
- verbete 52 **UBUNTU** 273  
*Mogobe B. Ramose*
- epílogo **DA AUSTERIDADE À DÉPENSE** 277  
*Giacomo D'Alisa, Giorgos Kallis e Federico Demaria*
- bases para  
um programa **SIM, PODEMOS DECRESCER** 285  
*Giorgos Kallis e Coletivo Research & Degrowth*
- DEZ PROPOSTAS DE POLÍTICAS PÚBLICAS** 288  
*Giorgos Kallis e Coletivo Research & Degrowth*
- SOBRE OS AUTORES** 294
- COMENTÁRIOS SOBRE O LIVRO** 305



APRESENTAÇÃO

# O QUE PODE VIR A SER NO BRASIL A IDEIA DE DECRESCER?

*Felipe Milanez*

O crescimento é um mito fundador do Brasil moderno e é constantemente ressignificado e rearticulado pelos ocupantes do poder central. No Brasil, crescer tem um sentido mítico civilizatório, propõe uma ideia de evolução, de caminhar em uma direção única para se atingir um certo lugar. Esse percurso é marcado, sob o lema positivista da bandeira nacional, pela incisiva separação entre cultura e natureza que faz sentido apenas quando aplicada às populações que vivem no território que politicamente se chama Brasil por mecanismos *racializados* de funcionamento. Isto é, para crescer sobre a natureza, é preciso separar a natureza de outras formas de existência. Esta “ordem” para o “progresso” visa, portanto, subjugar populações à exploração da força do trabalho, seja pela escravidão ou outras formas de trabalho degradante, forçado, exaustivo, e distanciar essas populações das suas relações possíveis com o que a *ordem* estabelece como “natureza”. Crescer pela ordem e para o progresso implica tensionar duas contradições fundamentais do capitalismo: a exploração do trabalho e da natureza.

Crescimento e desenvolvimento têm suas traduções na agenda política pelo crescimentismo e no desenvolvimentismo (com suas reelaborações tais como o “neodesenvolvimentismo” que marcou a primeira década do século XXI no país). Mas é uma ideologia tanto da direita neoliberal, com o *Avança Brasil*, de Fernando Henrique Cardoso, como do centro-esquerda dos governos Lula e Dilma e seus Programas de Aceleração do Crescimento (PACs) PAC1, PAC2 e PAC3, planos sucessivos que significam um crescimento<sup>2</sup>, já que se cresce de forma acelerada, isto é, duas vezes na potência, ou até mesmo o *Ordem e*

*progresso*, reeleitura reacionária positivista do governo interino alçado ao poder após um golpe parlamentar, de um espectro de direita conservadora, por Michel Temer. Foi no Brasil que se pensou ser possível crescer “50 anos em 5 anos de mandato”, como propôs o presidente Juscelino Kubitschek no seu “Plano de Metas” de industrialização e modernização, na era do aceleracionismo mundial do pós-guerra.

Parece que na política jogada em Brasília não há como discutir o projeto político do Brasil, enquanto país e Estado-nação, sem enfrentar a ideia fundamental do crescimento. Esse que sempre é implementado a partir do uso abusivo e extensivo dos recursos naturais, tidos como fundamento exportador da economia. E este livro *Decrescimento* vem, portanto, em uma hora fundamental para os debates em torno da economia política e ecológica, que surgem em meio a uma profunda crise política e econômica que o Brasil atravessa.

É comum escutar críticas à ideia ou à “palavra de ordem” do decrescimento. E também é comum pensar que, no caso do Brasil, há que se pensar diferente e que decrescimento não se aplique aqui, que a ideia “não funciona” na realidade brasileira. Quanto à diferença fundamental para se pensar qualquer contribuição teórica em um país criado a partir de uma colônia, em um processo de descolonização incompleto e marcado por sistemas racializados de exclusão e violência, não há dúvida. Mas o que é, e o que pode vir a ser, no Brasil, a ideia de decrescer, tendo em vista que é uma contribuição teórica que parte, na Europa, ao mesmo tempo de movimentos sociais e da academia ativista?

O *Vocabulário para um novo mundo*, na minha leitura, não é um manual de uma “palavra de ordem”, como sugerem certas leituras críticas do conceito de “decrescimento”, mas sim um conjunto de reflexões que compartilham, a partir da perspectiva europeia, a crítica à ideia do crescimento como única possibilidade de existência. Alguns podem preferir ideias similares que possuem esse mesmo sentido, como “impedidores do crescimento”, de forma que as reflexões aqui escritas podem ajudar a fazer pensar, a inovar nas formas de comunicação de reflexões, e a mexer em velhos hábitos arraigados na memória coletiva, sobretudo hábitos crescentistas que se apresentam como universalizantes, totalizantes e como a única possibilidade de existência civilizacional. Um antigênesis, num neomalthusianismo ecológico reconfigurado, como a leitura de Joan Martínez-Alier no texto *Neomalthusianos*, antítese da mensagem do “crescei” que é seguida do “multiplicai-vos” em um livro religioso que tem sido tão citado por políticos no parlamento brasileiro.

Além de construir uma profunda análise sobre a formação do mito do crescimento a partir da Europa – já que é de lá que se expande o capitalismo

e o colonialismo –, a última parte do livro, as *Alianças*, merece uma profunda reflexão e deve ganhar atenção pela leitura no Brasil. Talvez, na perspectiva daqui do Brasil, essas sejam algumas possíveis novas ordens econômicas e sociais a desorganizar o progresso para que outras formas de vida possam existir e reproduzirem-se.

As reflexões críticas sobre a perspectiva civilizacional crescimentista europeia são produzidas por uma ampla equipe interdisciplinar de investigadores e investigadoras, cujos paradigmas de análise partem de diferentes áreas interdisciplinares, como a economia ecológica, a ecologia política, a antropologia do desenvolvimento, ou mesmo além das disciplinas. Essas áreas de pesquisa estão em emergência no Brasil, onde as tradições dos departamentos estão dando lugar, em diversos casos, a paradigmas interdisciplinares que estão cada vez mais presentes, sobretudo, nas novas universidades com as reformas feitas a partir do programa Reuni, de 2007.

Decrescer pode ser bem viver em uma terra sem tantos males, fazendo uso aqui do mito guarani da “terra sem males”, *yvy maraê*, relido pela liderança do movimento indígena, Ailton Krenak: sem tantos. Ailton pensava, ao falar em uma possibilidade de uma existência sem tantos males, após o desastre provocado pelo maior crime ambiental da história brasileira: o rompimento das barragens da mineradora Samarco, de propriedade da Vale e da BPH Billiton, em Mariana, que destruiu o distrito de Bento Rodrigues e provocou um holocausto ecológico no rio Doce e em seu encontro com o Atlântico. Não há crescimentismo ou desenvolvimentismo em *yvy maraê*, e os povos Guarani, como interpretou o antropólogo francês Pierre Clastres, constituem-se em uma sociedade organizada contra o Estado.

Ou então, como será possível suspender o céu que está desabando sobre as nossas cabeças, de forma acelerada, cada vez mais rapidamente à medida que insistimos em crescer destruindo a natureza que permite a vida? Quando o céu caiu pela primeira vez sobre o mundo e esmagou a humanidade para os subterrâneos, como conta o mito Yanomami narrado por Davi Kopenawa (Cia das Letras, 2015), uma nova floresta foi criada por *Omama*, mais forte, e um novo céu foi esticado sobre a terra. Desde então, cabe aos xamãs suspender o céu que foi reconstruído por *Omama*. Hoje, com as transcrições dos mitos Yanomami em papel, sabemos que os xamãs não trabalham por dinheiro, mas para o céu ficar no lugar, para segurar a abóbada celeste. Sempre que o céu começa a tremer, os xamãs dançam, cantam, tomam rapé de *yãkoana* e enviam os espíritos para segurar o céu. Isso é algo próximo a pensar no fim do mundo sem qualquer possibilidade de alternativa, no imperativo de crescer ou desaparecer.

Nesse sentido, inspirado a imaginar uma terra sem tantos males, ou então ideias e poderes que suspendam o céu muito além das medidas de austeridade econômicas voltadas ao crescimento, este livro oferece algumas entradas inspiradoras. Cito, a título de exemplo e sem pretender ser exaustivo, o *bem viver*, por Eduardo Gudynas, a *economia feminista*, por Antonella Picchio, *Ubuntu*, por Mogobe B. Ramose, sobre a *descolonização do imaginário*, por Serge Latuche, *críticas ao desenvolvimento*, por Arturo Escobar, *justiça ambiental*, por Isabelle Anguelovski, e as *fronteiras das commodities*, por Marta Conde e Mariana Walter, como análises que possuem uma grande potencialidade de construção de diálogos com os desafios em curso à construção de uma alternativa pelo contexto brasileiro. Supre assim, e nesse caso, não apenas nestes temas, um grande vazio na literatura em português, ainda com poucas traduções sobre ideias emergentes nas discussões internacionais.

Esta tradução vem a se somar a um movimento literário de importantes traduções que acontece nos últimos anos no Brasil em torno da ideia do decrescimento. O livro seminal de Serge Latouche, *Pequeno tratado do decrescimento sereno*, saiu pela Martins Fontes em 2009, e a obra clássica de Nicholas Georgescu-Roegen, *O decrescimento: entropia, ecologia, economia*, pela editora Senac, em 2012. No XI Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, aconteceu uma movimentada mesa redonda sobre a obra de Georgescu-Roegen, que contou com a presença de Martínez-Alier, um dos autores deste livro. Foram grandes as divergências sobre a ideia de “decrescimento” e também sobre o autor romeno, Georgescu-Roegen, que chegou inclusive a ser taxado de “nazista” por um dos professores presentes no público, motivo de divergências no debate que sucedeu e que dissipou a discussão sobre economia política. No fundo, o debate era mesmo sobre o que poderia ser aplicado ou não no Brasil, a partir desta ideia que parece ser tão bem pensada para ganhar corpo em países ricos, desenvolvidos e colonialistas.

A discussão inicial na EcoEco parece ter se perdido, a meu ver, nas preliminares, com opiniões formadas sobre a impossibilidade da aplicação teórica da ideia de decrescer no contexto socioeconômico brasileiro e sobre a trajetória de Georgescu-Roegen. Entre algumas razões que têm limitado as discussões no Brasil, aponto o fato de ser compartilhada, nas suas divergências, eminentemente por pessoas brancas, maioria homens, e de universidades tradicionais no Brasil. Por isso trago para esta apresentação, e a título ilustrativo, talvez, das possibilidades que existem no horizonte, algumas reflexões a partir da perspectiva de intelectuais indígenas, como Ailton Krenak e Davi Kopenawa, pessoas que, em conversas diretas que tivemos, mostraram-se interessados na ideia do decrescimento, associada à da descolonização. Há muito a se pensar no Brasil sobre o crescimento e o decrescimento. Por en-

quanto, o principal trabalho a ser destacado é o livro organizado por Philippe Léna e Elimar Pinheiro do Nascimento, *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade* (Garamond, 2012), já levando em conta a perspectiva brasileira e as contradições históricas sobre a destruição socioecológica como motor do progresso.

O poder de síntese de cada uma das 52 entradas deste vocabulário, associado à excelente qualidade de cada uma delas, é uma das grandes forças desta publicação, um mérito compartilhado de trabalho e dedicação dos organizadores, Giacomo D'Alisa, Federico Demaria e Giorgos Kallis. Eles souberam ser precisos e sintéticos, sem serem superficiais ou generalistas. Em sua amplitude multidisciplinar, a ideia do decrescimento pode alimentar discussões e debates em campos variados, sob diversas perspectivas, além de tradições do pensamento econômico e dos muros da academia. *Decrescimento* discute a possibilidade de outras formas de vida e a imaginação de alternativas a partir de um problema econômico. E é fundamental lembrar que, no Brasil, apenas uma pequena forma de vida se beneficia com o crescimento, em detrimento de muitas outras existências que são inviabilizadas e aniquiladas.

As narrativas contra-hegemônicas, mais do que proporem uma saída fácil para um problema existencial, ou explicações curtas numa frase da contraideia que é o *decrescimento*, ajudam a desconstruir o mito pela diversidade e amplitude das abordagens: se a busca pelo crescimento provoca crises econômicas, sociais e ambientais, como colocam os editores na introdução à edição inglesa, e como descrevem os autores e as autoras do livro, então o crescimento não pode ser a solução. A discussão proposta pelo livro é construtiva, deve ser alimentada e tem por fundamento, sempre, a transformação da realidade. Como escrevem D'Alisa, Demaria e Kallis, “sempre com a justiça social e a sustentabilidade ecológica como horizonte”.

Salvador, maio de 2016

APRESENTAÇÃO

# DECRESCIMENTO:

um debate necessário e urgente  
no Brasil para que superemos o  
subdesenvolvimento em nossas cabeças

*Chico Whitaker*

Há mais de sessenta anos, ainda jovem estudante, fui totalmente convencido pelas ideias trazidas ao Brasil por um frade-geógrafo francês, da Ordem Dominicana, o padre Louis-Joseph Lebret, a respeito da diferença entre crescimento econômico – com seus índices simplificadores – e desenvolvimento, um processo muito mais complexo de passagem de uma sociedade de um nível menos humano a um nível mais humano de existência. Ele criara com outros, na França do imediato pós-guerra, um movimento a que deram o nome de Economia e Humanismo, que dizia ser necessário colocar a economia a serviço do ser humano e não o inverso. E estudava, no Brasil e em outros países, o que se começara a chamar naquela época de subdesenvolvimento, caracterizando as condições de vida nos países em que viviam dois terços da população mundial, o chamado Terceiro Mundo.

Muitíssima água passou debaixo da ponte desde então. O subdesenvolvimento ganhou novos nomes, como “países em desenvolvimento”, “países emergentes” etc. Surgiram movimentos internacionais reunindo os governos “não alinhados” a nenhum dos impérios que lutavam pelo domínio do mundo. A vitória do capitalismo sobre o socialismo, simbolizada pela queda do Muro de Berlim, consolidou a submissão da Humanidade ao Deus dinheiro, e transformou o planeta numa só praça de produção e de consumo dentro da lógica desse Deus. Emergiu com força a angústia com a destruição ambiental do planeta Terra, por conta dessa lógica, que empurra os atores econômicos a um ritmo alucinante de exploração dos recursos naturais para

alimentar uma produção crescente, exigida pela sede insaciável de lucro dos detentores do capital, e apoiada na demanda de um consumismo exacerbado pela publicidade. Essa sofreguidão no acesso ilimitado a bens materiais tanto necessários como supérfluos, tornado razão de vida, conquistou por sua vez as mentes e corações em todos os países, fossem ricos ou pobres.

Foi já dentro desse quadro que cinquenta anos depois me vi implicado num esforço de mudança nascido no Brasil, e concretizado na criação de um Fórum Mundial para discutir essas e outras questões, mas colocando como centro das preocupações o ser humano, rumo a outra economia (como por exemplo a proposta pelo movimento de Economia e Humanismo de tanto tempo atrás...). A esse Fórum se deu o nome de Fórum Social Mundial, em contraposição ao Fórum Econômico Mundial, que reunia há mais de vinte anos os donos de um mundo financeirizado. E ao novo Fórum afluíram – e continuam afluindo aos Fóruns seguintes, de mesmo tipo, que vêm se realizando há quinze anos – muitos dos que pensam que “um outro mundo é possível” e se torna cada vez mais necessário e urgente.

Mas eis que, no Brasil e em outros países do antigo Terceiro Mundo, o subdesenvolvimento ainda impera nas mentes da grande maioria dos que compõem a classe política e dos economistas, banqueiros e contadores que dirigem a economia das nações. Como manda-chuvas de uma política voltada exclusivamente para o crescimento econômico – dentro de um quadro econômico mundial também dominado por essa perspectiva – e para a contabilidade de lucros e perdas das empresas e dos cofres públicos, esses economistas, banqueiros e contadores não conseguem pensar segundo outras lógicas, mecanismos e reações sociais, diferentes das que prevalecem dentro do sistema capitalista. Como se somente este sistema econômico pudesse existir e a ele estivéssemos condenados para sempre. Os cofres públicos, por sua vez, são vistos como fonte única ou principal de recursos (aqueles que se conseguem fazer escapar dos desvios impostos pelos corruptos) para “entregar” serviços ao povo, como se o governo fosse uma empresa capitalista, voltada unicamente ao atendimento da demanda de rendimentos de seus acionistas e das vontades de seu mercado, que pudesse se despreocupar com o futuro da sociedade e com eventuais desastres sociais e ambientais que sua atividade provoque.

E tudo isso acontece na total ignorância da enorme reflexão que se faz no resto do mundo em torno das necessárias alternativas para essa “coisa escandalosa” – como dizem os autores dessa publicação – que é o capitalismo. Uma enormidade de saídas que vêm sendo pensadas, propostas e experimentadas pelo mundo afora para mudá-lo estão neste livro. Ele apresenta exaustivamente, em consistentes 312 páginas, os mais variados caminhos

para que escapemos da submissão ao crescimento econômico como única perspectiva de vida da sociedade e da ação governamental, e embarquemos em outras visões e práticas do mundo que queremos, escapando do desastre ecológico que se avizinha a passos rápidos.

Contamos no Brasil com muitos professores – e até economistas... – conscientes desses desafios, capazes de “acordar” seus estudantes para essas novas perspectivas, na luta por outro presente e outro futuro. Esses estudantes, por sua vez, podem se mobilizar para “acordar” os eleitores, para que elejam políticos menos subdesenvolvidos para os executivos e os legislativos que nos governam. Uns e outros podem também conseguir que jornalistas mais conscientes assumam a tarefa de abrir os olhos de mais gente pelo Brasil afora para que a desinformação não seja a tragédia que é num país tão escandalosamente desigual como o nosso.

Boa leitura e boa sorte para todos nós.

São Paulo, setembro de 2016



PREFÁCIO

# VOCABULÁRIO COMO PODER

*Giacomo D'Alisa, Federico Demaria e Giorgos Kallis*

A linguagem é a casa do poder, o refúgio de sua violência policial. [...] Quando quer evitar recorrer a suas armas materiais, o poder usa a linguagem para proteger a ordem opressiva. Na verdade, essa colaboração é a expressão mais natural de todo o poder.

(Mustapha Khayati, 1966)

Quando a linguagem que está em uso não é adequada para dizer o que precisa ser dito, é hora de um novo vocabulário.

Vivemos em uma era de estagnação, empobrecimento rápido de uma ampla parcela da população, desigualdades cada vez maiores e desastres socioecológicos – do furacão Katrina, passando pelo Haiti e as Filipinas, Fukushima, o vazamento no Golfo do México ou o despejo de resíduos tóxicos na Campânia, a destruição criminosa do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, Brasil, até a mudança climática e o desastre permanente das mortes por falta de acesso a terra, água e alimento, que poderiam ser evitadas.

Nem mesmo os pensadores radicais conseguem produzir novas respostas que não sejam articuladas em torno dos imperativos gêmeos do crescimento e do desenvolvimento. Se o desejo de crescimento gera crises econômicas, sociais e ambientais, como argumentam os autores deste volume, o crescimento não pode ser a solução.

Felizmente, estão surgindo alternativas na vida real. Elas vão desde novas formas de viver, produzir e consumir em comum até novas instituições que possam garantir a subsistência de todos, sem crescimento. No entanto, é preciso que haja narrativas contra-hegemônicas mais abrangentes para formular e conectar essas novas alternativas. Esperamos que este livro ofereça palavras-chave para a construção dessas narrativas.

O decrescimento tem várias interpretações. Pessoas diferentes chegam a ele a partir de ângulos diferentes. Algumas, porque veem que o crescimento

tem limites; outras, porque acreditam que estamos entrando em um período de estagnação econômica e devemos encontrar maneiras de manter a prosperidade sem crescimento. Outras, ainda, por acreditar que só uma sociedade que se liberte do capitalismo e sua busca insaciável de expansão, que aprenda a se limitar coletivamente e a trabalhar sem o cálculo da utilidade autointeressada pode ser verdadeiramente igualitária. Outras, simplesmente porque a palavra “decrecimento” se parece muito com a forma como elas escolhem viver.

As contribuições que constituem este livro vêm de diferentes escolas de pensamento, diferentes disciplinas e diferentes esferas da vida: economistas ecológicos (bio e do estado estacionário), antiutilitaristas, (neo) marxistas, ecologistas políticos, cooperativistas, nowtópicos, além de vários ativistas e profissionais. Cada um dos nossos colaboradores vê o decrecimento de uma forma um pouco diferente, e nem todos concordam necessariamente com o que é dito nos outros verbetes, mas o decrecimento é o que os une e os conecta.

O decrecimento resiste a uma definição única. Assim como a liberdade ou a justiça, ele expressa uma aspiração que não pode ser fixada em uma simples frase. O decrecimento é um marco onde se encontram diferentes linhas de pensamento, imaginários ou rumos de ação. Consideramos essa versatilidade como um ponto forte, e é por isso que decidimos representar o decrecimento na forma (próxima à) de um dicionário. O vocabulário do decrecimento é uma rede de ideias e conversas fortemente enraizada nas tradições radicais e críticas, mas aberta e passível de múltiplas conexões.

O livro começa com um ensaio escrito por nós três. É mais longo do que os outros verbetes do livro, não porque tenhamos sido mais permissivos com o limite de palavras quando se tratava de nós, mas porque ele tenta apresentar o decrecimento ligando essa palavra-chave, central no livro, a todas as outras que constam nele. Neste capítulo introdutório, apresentamos a história do termo *decrecimento* e as diversas proposições e ideias que o expressam.

O restante do livro é dividido em quatro partes. A primeira examina as raízes intelectuais que nutrem o decrecimento, ou seja, suas epistemologias. Os verbetes resumem escolas inteiras de pensamento, explicando sua relevância para o decrecimento. A segunda parte apresenta os conceitos que estão no cerne da crítica que o decrecimento faz ao pensamento único do crescimento. Cada verbe neste parte representa uma porta de entrada diferente ao decrecimento. Juntos, esses verbetes formam a tese do decrecimento. A terceira parte passa à ação e trata de propostas institucionais concretas e exemplos vivos de como o decrecimento se dá concretamente. Os verbetes vão de políticas públicas a projetos ativistas, e tentam cobrir toda a gama do imaginário pós-capitalista do decrecimento. Por fim, a quarta e mais curta parte do livro examina “alianças”, apresentando escolas de pensamento, ato-

res e conceitos que têm muito em comum com o projeto do decrescimento, mas que até agora tiveram apenas conexões vagas com ele. É lá que serão encontradas e fortalecidas as ligações geográficas mais férteis e os futuros desdobramentos do decrescimento.

O leitor pode abordar o livro da forma linear tradicional, lendo verbete por verbete, mas, na nossa visão, essa provavelmente será a forma mais enfadonha. Uma alternativa seria começar pelo que parece ser o verbete mais interessante e, em seguida, perambular pelas referências cruzadas (em **negrito**) e chegar a outros verbetes. Um leitor meticuloso pode querer ler, um por um, todos os verbetes mencionados em um deles e, depois, passar ao próximo verbete não lido, e fazer isso até ter lido o livro inteiro. Incentivamos os leitores a fazer sua própria viagem pelo livro e chegar ao seu próprio sentido sobre o decrescimento.

No final, em um ensaio chamado “Da austeridade à *dépense*”, dizemos o que o decrescimento passou a significar para nós, no processo de elaboração do volume e de leitura das contribuições. É a nossa própria visão politicamente comprometida e seletiva sobre o livro.

Os autores que contribuem para este volume foram instruídos a escrever da forma mais simples possível, mas não mais simples do que isso. Os verbetes são escritos para um público geral, e não para especialistas. Eles não exigem conhecimento prévio dos debates nem da terminologia. Ainda assim, são situados e compostos com o rigor e a experiência que se desejam de capítulos de livros acadêmicos. No final de cada verbete, há uma lista de referências para quem quiser se aprofundar em cada tópico.

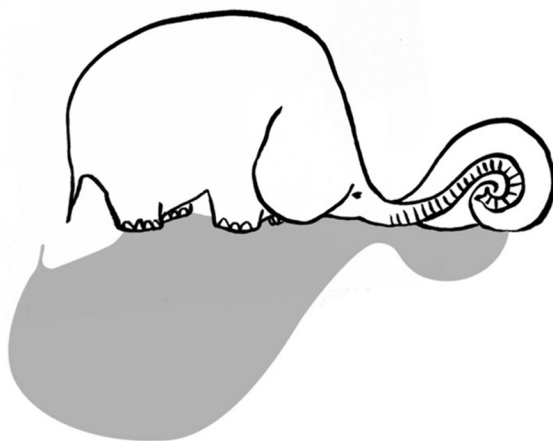
O livro é uma produção coletiva, mas com a nossa própria interpretação em relação à seleção e à organização de verbetes e colaboradores. Como acontece com qualquer produção intelectual, nossas contribuições não são apenas nossas, e sim produto do trabalho acumulado das pessoas que lemos e das pessoas com quem discutimos. Ele encarna e está incorporado no trabalho social e familiar da reprodução. É resultado do fazer colaborativo.

No grupo de leitura da Research & Degrowth que se reúne às segundas-feiras, em Barcelona, formulamos a maior parte das ideias que expressamos neste livro. Muitos dos membros desse coletivo – alguns deles, também pesquisadores do Instituto de Ciência e Tecnologia Ambientais (ICTA) da Universidade Autônoma de Barcelona, também colaboraram. Agradecemos também a eles, um por um: Filka, Viviana, Claudio, Marta, Kristofer, Erik, Christian, Iago, Christos, Daniela, Diego, Rita, Lucha, Aggelos, Marco e os diversos participantes ocasionais do grupo de leitura, que são muito numerosos para ser mencionados aqui. Nossos agradecimentos especiais a Joan Martínez-Alier, que criou, no ICTA, um maravilhoso refúgio do pensamento radical,

sem o qual nunca teríamos nos reunido para fazer um trabalho em comum, e a François Schneider, que trouxe a Barcelona sua paixão pelo decrescimento e a compartilhou com todos nós. Agradecemos, também, a todas essas pessoas sem as quais este volume não teria sido concluído. A Jacques Grinevald, que nos transmitiu generosamente o seu conhecimento sobre a história do decrescimento. A João Carneiro e equipe da Tomo Editorial, assim como ao tradutor Roberto Cataldo. Esta edição no Brasil foi possível graças ao apoio da Fundação Heinrich Böll Brasil, por meio de Dawid Bartelt (Diretor) e Marilene de Paula (Coordenadora de programas e projetos de direitos humanos e Brasil global). Também contribuíram Felipe Milanez, Chico Whitaker e a Rede Brasileira pelo Decrescimento Sustentável, em particular, Alan Boccato, Mildred Gustack Delambre, Philippe Léna e João Luiz Homem de Carvalho.

Este livro tem vários capítulos e autores. Não fomos os únicos a trabalhar nele, mas nós trabalhamos muito. Gostaríamos de dedicar nossas contribuições àqueles que mais nos importam. Giacomo D'Alisa, a seu presente e seu futuro: sua esposa Stefania e seus filhos, Claudia Pilar e Nicolas Mayo; Federico Demaria, a sua parceira Veronica, seus pais Maria e Mario, e seu irmão Daniele; Giorgos Kallis, a sua esposa Amalia, seus pais Vassili e Maria, e sua irmã Iris. E por último, mas não menos importante, a todos os nossos amigos e companheiros.

Barcelona, maio de 2016



O elefante e o caracol